

ADVOGANDO PELOS BÓRGIAS

J. J. Khalil
orfeuest@gmail.com

RESUMO

Um singelo opúsculo que pretende dirimir a injusta alcunha atribuída aos Bórgias, pautando-se na breve exposição do mau caratismo de tantas outras famílias do Renascimento. A justificativa de que pessoas fiéis a uma família são capazes de fazer o que é necessário, embora o feito cause ojeriza por parte de quem não compactua com tão horrendo cenário. Lucrécia Bórgia era uma amante das artes e, no tocante, a arte literária. Além disso, ela financiou a reprodução de milhares de exemplares da gramática acerca de línguas oriundas do latim! Em suma: Lucrecia Bórgia foi um “farol de Alexandria” por ter apoiado as artes e as primeiras gramáticas latinas após o advento de Gutenberg. A “imaturidade” do Direito romano e a necessidade de anular a si mesmo por uma causa maior são atenuantes para a Dinastia Bórgia que, se comparada às famílias mais poderosas da atualidade, faz deles ovelhas e não lobos quicá lobos em meio a lobos muito mais predadores!

Palavras-chave:

Bórgia. Crítica. Renascimento. História. Rockefeller. Rothschild.
Direito romano. Império romano.

Os Bórgias entraram para os anais da história com a injusta alcunha de “a família mais inescrupulosa da Renascença”. Particularmente, eu discordo de tal rótulo, pois, numa época em que os ordenamentos jurídicos de origem romana ainda engatinhavam, qual foi a família europeia de conduta ilibada e puritana?

Todo processo histórico tem caráter global e totalizante, onde os mais diversos fatores se coadunam para a “reconstrução” no agora acerca daquilo que já foi, logo não podemos analisar isoladamente uma família nos âmbitos antropológico-cultural e político-social!

Todos aqueles que lançarem um olhar na história da Europa renascentista irão encontrar uma série de revezes, incongruências e obtusas arestas. Doravante, não é antropológico-socialmente correto discriminar, ou melhor, “demonizar” uma família diante de um cenário, em que a Europa não passava de um amontoado de reinos e feudos que sobreviveram à queda do Império romano e que sofreram a invasão dos mouros!

Não tenho a jactanciosa pretensão de parafrasear o Grande Rabi Jesus Cristo, todavia o farei por razões óbvias: “Quem não tiver pecados que atire a primeira pedra!”. Céus! A Europa renascentista estava tão

fragmentada e, no tocante, a Itália não era um Estado unificado, mas uma miscelânea de cidades-estados semelhantes à Grécia em um passado não tão distante! Se os Bórgias devem “carregar consigo a cruz deveras pesada” pelos “crimes” que eles supostamente cometeram, então o que dizer dos Médici?

Lourenço de Médici nasceu em Milão, na Itália, há 66 anos. O escritor é um dos últimos descendentes dos famosos Médici, a família que determinou o destino de toda a Europa durante o Renascimento. De fato, ele recebeu esse nome em homenagem a Lourenço, o Magnífico, seu antepassado do século XV, governante da cidade de Florença durante a Idade de Ouro do Renascimento. Em uma entrevista realizada à BBC, Lourenço conta como é viver com o legado de sua família. Ele explica que, por causa de sua linhagem, as pessoas pressupõem que ele é um especialista na história do Renascimento e que carregar esse sobrenome o obriga a estar o tempo todo à altura das circunstâncias. Além disso, Lourenço acredita que o que transformou os Médici em um dos clãs mais poderosos da história foi o *marketing*, e que outras famílias, como os Rockefeller e os Fugger, tentaram imitá-los sem tanto sucesso. (Cf. <https://seuhistory.com/noticias/o-ultimo-descendente-de-uma-das-familias-mais-poderosas-da-historia>; site acessado em 12-07-2018)

O que podemos falar acerca da deformação de caráter tão ostensivamente exposta pelos Cézares e suas famílias? Nero, Calígula, Crasso... Enfim, uma lista enorme! Nero cometeu o escrutínio de nomear um burro como senador do Império Romano, Calígula promovia verdadeiras orgias que, se fosse nos dias de hoje, deixaria qualquer ninfomaníaco sem fôlego! E, se eu enumerar os episódios de incestos no Império, a lista tomaria proporções hercúscas e não caberiam neste breve artigo!

O imperador romano Constantino, segundo registra a História tradicional, teve um sonho miraculoso no qual os anjos a ele exibiam a cruz e a inscrição “*In hoc signo vinces*!” “Cá entre nós”, “Eita mentira desairosa e mitomaníaca!”. Qualquer estudante razoável da Faculdade de História saberá com propriedade definir tal episódio como sendo um estratagema político do imperador! Os cristãos, embora perseguidos e torturados no anfiteatro romano, eram tão poderosamente confiantes na salvação em Jesus Cristo, que eles enfrentavam a tortura e a morte com júbilo e regozijo! Resulta disso o seguinte entendimento: COMO OS INSTRUMENTOS DE REPRESSÃO DO IMPÉRIO ROMANO PODERIAM SURTIR EFEITO NOS CRISTÃOS, SE ELES IAM CANTANDO, SORRINDO, DANÇANDO E LOUVANDO A DEUS PARA A MORTE CERTA EM NOME DA FÉ?

Embora centenas de mártires tenham partido da arena do Coliseu para o céu, poucos deles foram mortos pelas feras. Este fato é um raio de luz em

meio a todos os horrores de crueldade e carnificina. Deus, que sabe mudar a natureza feroz desses animais que rondam por suas montanhas e desertos nativos, à caça de alimento, e transformá-los em protetores e companhias de seus eremitas, fez deles, em vez de instrumentos da mais horrenda morte, os defensores da castidade de suas virgens, e as testemunhas da santidade de seus santos. O Criador de todas as coisas planejou que o animal irracional fosse servo do homem e, com poucas exceções, não lhe permitiu ser o executor de inocentes.

Uma das mais consoladoras páginas na história das perseguições aos servos de Deus é o milagre, muitas vezes repetido, de Daniel na cova dos leões. Contudo, não no silêncio e escuridão da caverna, onde o jovem profeta foi jogado, mas ao sol do meio-dia, no grande anfiteatro da capital do mundo, e perante 100.000 espectadores.

Os milagres foram destinados por Deus a serem os servos da verdade e os agentes da convicção. Na intervenção visível de seu poder em preservar os seus filhos da fúria das bestas no Coliseu, Deus apresentava aos pagãos de Roma uma prova incontestável da divindade do cristianismo, e uma clemência que eles não sabiam apreciar. Se os muros do Coliseu pudessem falar, relatar-nos iam algumas cenas de triunfo consoladoras, onde os mártires eram maravilhosamente preservados.

Eusébio, que foi uma testemunha ocular de algumas dessas cenas, descreve com eloquência e sentimento como as bestas selvagens foram incapazes de causar dano aos cristãos, e voltaram-se aos pagãos com fúria destrutiva. “Às vezes”, conta ele, investiam contra os campeões de Cristo nus e indefesos, mas detendo-se como que por um poder divino, voltavam a suas cavernas. Isso acontecia repetidamente, e despertava a admiração dos espectadores; por exigência deles, quando a primeira fera se recusava a atacar, uma segunda e uma terceira eram enviadas contra o mártir, mas sem qualquer efeito. (Cf. <http://www.rochaferida.com/2011/07/esta-passando-por-provacao-entao.html>; site acessado em 12-07-2018)

Se temos de apontar a família europeia mais corrupta, maquiavélica e condenada à danação, com certeza, tal “privilégio” não pertence aos Bórgias! Em termos de comparação no que se refere à truculência e monstruosidade, as famílias dos Cézares de Roma deveriam estar no “banco dos réus” e receberem a pena máxima; no caso, não a morte, porque já estão mortos, mas sim o repúdio por parte de todas as pessoas de bem que habitam neste orbe chamado Planeta Terra!

Não ensejo com este opúsculo redimir a família Bórgia no que tange os “erros por eles cometidos”, mas busco, com efeito, fazer justiça diante do que a História tradicional registrou acerca de tal família! O patriarca dos Bórgias indubitavelmente foi um grande articulador político a ponto de ter tamanha influência na vida de seus filhos, que eles deixaram de viver seus sonhos pessoais em prol da solidificação e estabilidade do poderio político de sua família!

Pobre Lucrecia Bórgia; teve de se casar contra a própria vontade aos treze anos de idade e sofrer todo tipo de abuso por parte de um “glutão pré-hominídeo”, a ponto de descobrir que a única maneira de se manter no exercício dos interesses políticos da família era ter de violar suas próprias noções de “certo e errado” e, lamentavelmente, se tornar uma hábil envenenadora nos casamentos “arranjados” para ela.

Lucrecia Bórgia entrou para história como uma mulher má, envenenadora de seus maridos, mas a história contada pelas correspondências da época mostra uma mulher bem diferente. Além de ser linda e delicada como a Santa Catarina de Pinturicchio dos aposentos dos Bórgia, **há relatos de que quando governou Ferrara em ausência de seu marido, ela foi justa proibindo discriminações contra os judeus, aplicando severas penas aos que as descumprissem.** (AZEVEDO *et al.*, p. 4). (Grifos nossos) (Cf. <https://rainhastragicas.com/2013/05/15/lucrecia-o-veneno-dos-borgia/> site acessado em 12-07-2018)

Lucrecia, porém, heroicamente levou a sua sina até o fim sem contrariar os desígnios de seu pai e acabar por se anular enquanto mulher detentora do inalienável direito de poder se casar por amor e não por conveniência política! Seu irmão César Bórgia, por sua vez, teve de sepultar muitos de seus sonhos a fim de fazer o que era necessário para o bem estar da família.

Sendo assim, abdicou do direito de amar e ser amado verdadeiramente e até deixou cair por terra muitos de seus sonhos e projetos de vida! Não é de meu intuito promover uma “campanha pró-César Bórgia”! Entretanto, é mister entender que, no exercício do poder, o mais forte sempre devora o mais fraco. Doravante, ele teve de se tornar “um predador” para preservar e manter os interesses da sua família! Isso faz de César Bórgia um inescrupuloso?

Segundo consta, o próprio Nicolau Maquiavel, ao escrever a sua obra literária “O príncipe”, inspirou-se em César Bórgia. Todavia, se lermos com bastante atenção e não abrindo mão da imparcialidade, veremos que um governante faz o que tem de ser feito e se “ninguém tem estômago para fazê-lo”, que faça ele mesmo! Para ser franco, é quase impossível naquela época apontar uma pessoa “boa” tendo sido nascida em meio aos confrontos políticos e a própria necessidade de ser dissimulado!

Acerca dos Bórgias a História tradicional afirma:

Foram uma das famílias mais poderosas do Renascimento. Originária da Espanha, ela se estabeleceu em Roma, sede da Igreja, a grande fonte de poder do clã. Na Itália, eles acumularam fama, fortuna e dezenas de escândalos. Os Bórgias têm uma história sombria que, em meio a subornos,

nepotismo, sexo, assassinatos e outros pecados, elegeram três papas. Veja seus principais personagens. (Cf. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-os-borgias/>; site acessado em 12-07-2018)

Como podemos constatar, os historiadores acabam lançando mão de um subjetivismo apologético no que se refere ao processo de “demonização” e mau caráter dos Bórgias. A verdade é simples: **PODEMOS CRITICAR OS BÓRGIAS POR TUDO O QUE É ATRIBUÍDO A ELES, MAS NINGUÉM PODE QUESTIONAR O SENTIMENTO DE FIDELIDADE E UNIDADE FAMILIAR POR PARTE DELES!** Destarte, os BÓRGIAS não fizeram nada diferente do que as mais poderosas famílias europeias precisaram fazer em nome da manutenção do poder! Unidos eles eram, unidos eles foram e unidos entraram para a História como sendo a mais inescrupulosa família renascentista! Isto é justo? Creio que não! Pelo menos os Bórgias não se escondiam covardemente sob o manto da realeza tal como tantos nobres da coroa britânica e até francesa o faziam!

Naquela época, como não existia o imediatismo da informação, muitos erros foram encobertos por praticamente todas as famílias nobres do Velho Mundo. Se fosse nos dias hodiernos, sem a menor sombra de dúvida, todas as famílias e clãs “corruptos” seriam com facilidade desmascarados. E, se assim o fosse, certamente a Europa não existiria, haja vista a enorme quantidade de famílias poderosas que cometeram ingerência, desvarios, erros morais e perversão!

Viajando para os dias de hoje, é fato que o nepotismo ainda existe, o mau caráter impera e um “enorme *iceberg* de pseudoverdades” termina por ser empurrado “via sonda nasogástrica contaminada goela abaixo da própria humanidade!”.

Apenas para ilustrar, posso citar o assim chamado “governo oculto do mundo”, onde poderosas famílias; tais como: Rockefeller e Rothschild (sozinhas) detêm em mãos quase 80 % de toda a riqueza do planeta!

Duas das famílias mais poderosas e influentes do planeta, os Rockefeller (nos EUA) e os Rothschild (na Europa), estabeleceram uma nova “aliança estratégica” para unir esforços e oferecer oportunidades de investimento e de negócio a seus sócios e clientes. (Cf. <https://www.terra.com.br/noticias/rockefeller-e-rothschild-anunciam-alianca-estrategica,b478a418851ca310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>; site acessado em 12-07-2018).

Foi através de John D. Rockefeller e seu irmão William Rockefeller, que a família de origem germano-americana fez a maior fortuna privada do mundo na indústria petrolífera durante o final do século XIX e início do século XX. Com cerca de 90% de toda a produção de petróleo e derivados,

John Rockefeller monopolizou o mercado americano e durante anos foi o homem mais rico do mundo, com a fortuna estimada em nada mais nada menos que 318.300.000.000,00 de dólares (...) (Cf.<http://tonocosmos.com.br/os-bilionarios-que-governam-o-mundo>; site acessado em 12-07-2018).

Sabe qual é a diferença entre os poderosos de hoje e os Bórgias de outrora? A resposta é muito simples e absolutamente evidente: Os mais sofisticados sistemas de logística para a violação das leis! Resulta disso o entendimento de que o mundo globalizado e conectado via internet faz uma notícia viajar muito mais rápido do que na época dos pombos correios utilizados no passado! Em suma, os Bórgias são exemplo de paladinos da moralidade? A resposta é NÃO! São os Bórgias “atletas olímpicos da honestidade”? A resposta também é NÃO!

Ora, a humanidade assumiu um papel de tamanha maldade, que, se Deus não intervier neste caos, que cancerosamente vem destruindo o mundo, nas lápides de nossos filhos e netos estará escrito o epitáfio: “Aqui jaz a ética daqueles que se foram numa época em que o mundo era menos desigual do que agora!”.

Imperativo é neste momento apresentar um rápido adendo. Sendo assim, torna-se de bom tom no que tange a ética apresentar a importância dos Bórgias para a consolidação de duas línguas neolatinas: O espanhol e o italiano, posto que é fato indiscutível que Lucrecia Bórgia era uma amante das artes e, no tocante, a arte literária. Além disso, ela financiou a reprodução de milhares de exemplares da gramática acerca de línguas oriundas do latim!

Em suma: Lucrecia Bórgia foi um “farol de Alexandria” por ter apoiado as artes e as primeiras gramáticas latinas após o advento de Gutemberg.